

IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INICIAL DA OBRA SALESIANA NO BRASIL (1883-1908)

RIOLANDO AZZI

Introdução

Múltiplos estudos já foram publicados sobre a obra salesiana no Brasil, incluindo monografias de religiosos, de colégios e de missões, bem como a história de algumas inspetorias. Este amplo material tem valor diverso, destinado sobretudo a ressaltar a fundação e o desenvolvimento da obra sob o ponto de vista da vida e organização interna da congregação e, por vezes, elaborado com pouco critério científico. Uma visão panorâmica da fundação e da expansão da obra salesiana é oferecida por Luís Marcigaglia em «Os Salesianos no Brasil», publicação da Editora Salesiana de São Paulo, redigida num ameno estilo narrativo. Não é minha intenção elencar ou avaliar o mérito dessas publicações.

Pretendo, ao invés, colocar em destaque três aspectos principais: as relações da instituição salesiana com a Igreja, o Estado e a Sociedade Brasileira, por constituírem temas pouco enfocados e analisados. Este estudo pretende, portanto, mostrar as teias de relações eclesiais, políticas e sociais que permitiram e facilitaram a presença dos salesianos na Pátria brasileira. O tema se limita aos primeiros vinte e cinco anos, não apenas por constituir 1908 a data comemorativa das bodas de prata da fundação, como também por encerrar o período do governo inspetorial do padre Carlos Peretto, sucessor de Dom Luís Lasagna, o fundador da obra, falecido em novembro de 1895.¹

A característica principal é uma vinculação mais direta com o projeto educativo de Dom Bosco e uma transposição dos próprios moldes culturais italianos em que a obra fora estabelecida. Prevalece a orientação básica de integração da juventude pobre na sociedade burguesa e capitalista em formação.

1. Os Salesianos e a Igreja do Brasil

Não se pode compreender perfeitamente a instalação da obra salesiana no Brasil sem enfatizar a relação direta com o episcopado e sua orientação pastoral.

¹ Sobre a atuação do inspetor Luís Lasagna, deve-se assinalar o valioso estudo de Antônio DA SILVA FERREIRA, publicado in *Rivista Storiche Salesiane*, ano X, julho - dezembro de 1991, pp. 187 - 244, sob o título: *Essere ispettore vescovo agli inizi delle missioni salesiane in Uruguay, Paraguay e Brasile: Mons. Luigi Lasagna*.

Sua implantação esteve vinculada ao movimento dos bispos reformadores, cujo projeto efetivo, conduzido pela Santa Sé, era a consolidação do modelo eclesial tridentino, reforçado pela mentalidade ultramontana. Em termos concretos, os prelados pretendiam desvincular a instituição eclesiástica do poder político afim de colocá-la sob a dependência da Cúria Romana;² desejavam criar uma nova imagem do clero, dedicado exclusivamente à dimensão espiritual de salvação das almas;³ queriam substituir o catolicismo luso-brasileiro, marcadamente leigo e devocional, pelo catolicismo romanizado, com ênfase sacramental e doutrinária;⁴ visavam promover a escola católica como forma de se contrapor à escola protestante e ao ensino leigo.⁵

Afim de levar avante esse empreendimento, os prelados contavam com o auxílio de institutos religiosos vindos da Europa. Já em carta de 6 de maio de 1882, Lasagna declarava a Dom Bosco que os salesianos atuariam nessa mesma direção: «V. R. conhece as súplicas comovedoras com que nos pedem auxílio os zelosos bispos do Brasil, os quais, vendo-se quase sós numa região vasta e sem limites, desencorajados e tristes, imploram socorro, com vozes de cortar o coração. É tempo, pois, de voarmos em seu auxílio, assentarmos lá nossas tendas e banharmos com os nossos suores aquelas regiões imensas».⁶

Solicitaram ou apoiaram expressamente a vinda dos salesianos para suas respectivas dioceses, Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro; Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo; Dom Carlos D'Amour, bispo de Mato Grosso; Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, em Minas Gerais; Dom João Esberard, bispo de Pernambuco; Dom Jerônimo Tomé da Silva, arcebispo da Bahia e Dom Cláudio Ponce de Leão, bispo do Rio Grande do Sul.

Atendendo a esses pedidos, os salesianos fundaram o Colégio Santa Rosa, em Niterói, a 14 de julho de 1883; o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo a 5 de julho de 1885; o Liceu São Gonçalo, em Cuiabá, em 1894; o Colégio de Artes e Ofícios de Recife a 10 de dezembro de 1894; as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo a 5 de fevereiro de 1896; o Liceu Salesiano de Salvador a 11 de fevereiro de 1900 e o Liceu Leão XIII no Rio Grande, em 1901.

Não chegaram a ser atendidas as solicitações de Dom Macedo Costa, bispo do Pará e de Dom Antônio Cândido de Alvarenga, bispo do Maranhão.

O apreço por Dom Bosco e seus discípulos por parte do episcopado se manifestava de diversas formas: divulgação das obras por eles realizadas no mun-

² Riclando Azzi, *Os bispos reformadores, a segunda evangelização no Brasil*, Brasília, Editora Rumos, 1992. Vide especialmente, o capítulo *A reforma chega à Corte: D. Pedro de Lacerda*, pp. 117 - 131.

³ Riclando AZZI, *A formação sacerdotal tridentina no clero no Brasil, uma trajetória de crises e reformas*, Brasília, Editora Rumos, 1992, pp. 72 - 101.

⁴ Riclando AZZI, *O catolicismo do povo brasileiro*, Brasília, Editora Rumos, 1993, pp. 90 - 102.

⁵ Riclando AZZI, *Educação e evangelização, perspectivas históricas* in *Seminarium*, ano XXXII (1992), n. 3, pp. 425 - 428.

⁶ *Bollettino Salesiano*, ano VI, julho de 1882, pp. 118 - 119.

do; organização de comissões para arrecadar fundos para a fundação da obra; estímulo à população para que cooperasse com esmolas; auxílios materiais para a respectiva implantação e desenvolvimento dos estabelecimentos salesianos.

Em diversas dioceses esse apoio dos bispos à implantação da obra salesiana foi muito expressivo. A 22 de julho de 1883, Dom Lacerda publicava a carta pastoral *Em favor de um estabelecimento de ofícios, artes e letras em Niterói*, proclamando sua estima pelos salesianos: «feliz, pois de nossa diocese, se eles puderem nela estabelecer e prosperar».⁷ Na obra *Os salesianos no Rio de Janeiro*, já teve oportunidade de explicitar a amizade do prelado pelos salesianos, por eles considerado como um «segundo pai».

Em carta endereçada a Dom Bosco em data de 6 de agosto de 1883, Lasagna referia-se a Dom Lino Deodato nestes termos: «afim de preparar-nos a casa e os meios com que começássemos a obra, o bispo escreveu uma eloquente pastoral e, ainda mais, nomeou comissões que foram de cidade em cidade, de vila em vila, de casa em casa, pedir esmola em favor dos salesianos e, agora, tendo reunido consideráveis somas, insistem para que não duvidemos mais e partamos já».⁸

Dez anos depois, em carta ao internúncio apostólico, datada de 28 de agosto de 1893, Dom Lino referia-se aos salesianos como «uma congregação que foi por mim acalentada e tratada como a menina dos meus olhos».⁹

Também o bispo de Pernambuco publicava, em 12 de março de 1892, um «Apelo» para a fundação de um colégio salesiano onde declarava: «Não há quem não conheça, ao menos de nome, o grande e admirável, o portentoso e santo Dom Bosco. Se alguém ainda não o conhece, então é porque anda totalmente alheio a todo o movimento social desta segunda metade do século XIX». Após ressaltar o trabalho dos salesianos em Niterói, afirma que «o Recife, mais do que outras cidades, não tardará em possuí-los no seu grêmio».¹⁰

Em Minas Gerais, Dom Silvério Gomes Pimenta desdobrou-se em atenções para receber os salesianos. Após a morte de Dom Lasagna, vítima de um desastre ferroviário, o prelado escrevia ao P. Carlos Peretto, a 1 de janeiro de 1896: «os favores que tenho recebido dos salesianos, no Brasil e na Europa, cativaram o meu coração pessoalmente; mas os serviços por eles prestados à minha Pátria, os já prestados a esta diocese e os que lhe vão prestar daqui em diante, como trabalhadores infatigáveis da vinha do Senhor, ministros do bem, me movem, como padre e como bispo, e me prendem a eles de modo inexplicável».¹¹

⁷ Riolando AZZI, *Os salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982, Vol. I, pp. 395 - 409.

⁸ *Bollettino Salesiano*, outubro de 1883, pp. 161 - 163.

⁹ Antônio FERREIRA DA SILVA, in *Ricerche Storiche Salesiane*, ano X, julho - dezembro de 1991, p. 226, nota 92.

¹⁰ Luís de OLIVEIRA, *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*, Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994, p. 26.

¹¹ Riolando AZZI, *Os salesianos em Minas Gerais*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1986, p. 121.

Por sua vez, a 24 de maio de 1896, o arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo, editava um «apelo para fundação de um colégio salesiano na cidade de São Salvador da Bahia».¹²

Houve, porém, algumas áreas de atrito entre os discípulos de Dom Bosco e a hierarquia eclesiástica, envolvendo principalmente os prelados Dom Lino Deodato, Dom Joaquim Arcoverde e Dom Carlos D'Amour.

Ao ser elevado ao episcopado, Dom Lasagna atuou, por vezes, sem as devidas deferências aos prelados brasileiros. Assim, ao esboçar o projeto para uma prelazia missionária, no Estado de São Paulo, e ao utilizar, de forma inadequada, as insígnias episcopais, provocou os protestos de Dom Lino Deodato e de Dom Joaquim Arcoverde.¹³

Os atritos mais fortes ocorreram em 1903 com o prelado do Mato Grosso, por ter o padre Helvécio Gomes de Oliveira apoiado, afim de não prejudicar o povo, a celebração de uma solenidade em honra do Espírito Santo, patrocinada por um maçon, contra as determinações de Dom Carlos. O fato foi levado ao arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Arcoverde, que, em carta ao Núncio, declarava: «um reparo à autoridade diocesana afrontada se impõe; do contrário, os salesianos tornar-se-ão uma ameaça perigosa para todos os bispos em cujas dioceses se acharem».¹⁴

A ação da Nunciatura impediu que o episódio tivesse maiores repercussões. Essas tensões, aliás, não chegaram a abalar o anterior apoio recebido. Além dos bispos, também alguns sacerdotes se destacaram para o início de obras salesianas. O padre João Batista Nery, posteriormente primeiro bispo do Espírito Santo, foi um dos principais promotores da fundação do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas, em 1897. Na cidade do Rio Grande, o pároco Mons. Otaviano de Albuquerque, mais tarde bispo do Maranhão, comprou a casa para nova fundação e pagou a viagem dos primeiros salesianos, em 1901.

Em seus primórdios, a obra salesiana contou também com a colaboração significativa dos confrades da sociedade de São Vicente de Paulo, tanto em Niterói, como em São Paulo e no Recife.

Foram dois confrades vicentinos, Guilherme Morrissy e Antônio Correia de Melo, os principais articuladores para a compra do terreno e da primitiva casa de Niterói, no bairro de Santa Rosa.

Em São Paulo, merece destaque o apoio dado pelo presidente da conferência vicentina, Saladino de Aguiar, que também dirigiu a comissão para arrecadar fundos para a abertura do Liceu Coração de Jesus.

¹² Manoel Firmo Nazareno de ARAÚJO, *Dezesseis Lustras a serviço da educação na Bahia, Salvador, Escolas Profissionais Salesianas, 1983, pp. 5 - 17.*

¹³ Antônio FERREIRA DA SILVA, in *Revista Histórica Salesiana*, ano X, julho - dezembro de 1991, pp. 223 - 228.

¹⁴ Ricardo AZZI, *Os salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1983, vol. III, pp. 331 -341.

A iniciativa para a vinda dos salesianos para Recife também partiu da conferência vicentina. A 12 de abril de 1891, o presidente Carlos Alberto de Menezes concitava os confrades «a volver todos os esforços para uma obra em benefício da infância e da mocidade, cujo segredo pretendia estudar numa viagem que faria à Europa e, para isso, contava com o auxílio dos padres salesianos».¹⁵

Alberto de Menezes visitou o Oratório de Turim e expôs ao padre Miguel Rua o desejo de conseguir salesianos para Pernambuco. Havendo promessa de que viriam, no prazo de dois anos, deixou a quantia de oito contos de reis para a viagem dos primeiros religiosos. Foram também os vicentinos que se encarregaram de encontrar a residência para os primeiros salesianos instalados no Recife.

Não era apenas através do ensino religioso, mantido em seus estabelecimentos educativos, que os salesianos colaboravam com a ação reformadora do episcopado. Deve ser assinalada também uma importante atuação através da imprensa, especialmente mediante três publicações de caráter mensal: as *Leituras Católicas* de Niterói, a *Revista Santa Cruz* de São Paulo e a *Revista Mato Grosso* de Cuiabá.

As *Leituras Católicas*, como o próprio nome indicava, tinham uma tônica apologética, destinadas a defender os interesses da fé católica contra os protestantes e liberais. Era uma publicação mensal, em forma de pequenos volumes, em geral, traduções das edições homônimas, iniciadas por Dom Bosco, na Itália. O primeiro número saiu em março de 1890, tendo como título: *O católico no mundo: conversações familiares de um pai com seus filhos a propósito de religião pelo padre João Bosco*.

Uma das notas características das *Leituras Católicas* é o combate ao liberalismo e uma defesa firme do sistema autoritário da Igreja. Já em 1894, no diretorado do P. Zanchetta, os salesianos publicavam, no mês de julho, o opúsculo de Mons. de Ségur, «*Pode-se ser católico liberal?*».

A obra fora escrita vinte anos antes, ainda no pontificado de Pio IX, cujo pensamento é citado com frequência. Segundo o autor, não há possibilidade de diálogo com o pensamento liberal: «Sim, o liberalismo católico está condenado, posto que ainda o não esteja formalmente como herético. Sim, há absoluta incompatibilidade entre o catolicismo e o liberalismo. E doravante qualquer cristão, ainda que pouco instruído, jamais poderá, em boa consciência, ser católico liberal».¹⁶

É evidente um certo saudosismo monárquico e conservador. Embora o texto tivesse referências explícitas à situação da França, aplicava-se perfeitamente ao Brasil, onde, poucos anos antes, os ideais liberais haviam contribuído fortemente para a queda da monarquia e a proclamação da República.

A Igreja, com sua estrutura autoritária, encontrava ainda sérias dificuldades para conviver ao lado de governos republicanos, que abriam perspectivas de

¹⁵ *Era Nova*, 20 de abril de 1891.

¹⁶ De Ségur, *Pode-se ser católico liberal?* Niterói, 1984, p. 33.

maior liberdade e participação. Nesse período, aliás, a Igreja se definia, especificamente, pelo conceito de autoridade.

Em 1907, as *Leituras Católicas*, de Niterói, publicaram um opúsculo com dois temas: *Para que serve o Papa?* por Mons. Gaume e *A Igreja*, por Mons. De Ségur. Em seu estudo sobre a Igreja, De Ségur exprime o conceito da instituição eclesiástica como uma estrutura autoritária. À pergunta «Como se acha organizado o governo da Igreja?» ele responde: «Como um exército. A Igreja é, com efeito, o exército de Cristo, e nós todos somos soldados de Deus, combatendo o demônio e o pecado e marchando à conquista do paraíso. Daí vem o nome de Igreja militante».¹⁷

Em seguida, o autor passa a fazer um paralelismo entre a instituição eclesiástica e o exército, comparando o Papa a um general, ao qual todos devem obedecer. A preocupação básica era com a unidade de comando, com a subordinação à autoridade, com a obediência às ordens recebidas. Dentro dessa estrutura autoritária, dificilmente havia lugar para os conceitos de liberdade e participação.

Partindo de uma concepção autoritária da Igreja, o preceito de união, - com frequência identificado como uniformidade de pensamento e de ação, - era um dos mais enfatizados. A necessidade da união dos católicos era apregoada sobretudo como um instrumento para vencer os inimigos da Igreja, principalmente os liberais, os protestantes e os maçons.

Nesse sentido os salesianos de Niterói publicaram, em 1901, um opúsculo das *Leituras Católicas* sob o título *Unamo-nos!* Não se indica o nome do autor, mas tudo leva a crer que se trata de um estudo elaborado no próprio ambiente salesiano. Duas são as notas características do volume: a importância dada ao conceito de unidade e a ênfase no princípio de autoridade.

A autoridade do Papa é ressaltada com estas expressões significativas: «Alerta, católicos! O Chefe da Igreja, o nosso condutor, é o Papa. A ele, como cabeça, toca ordenar, a nós que somos membros obedecer; a ele, como sumo general, cabe dar-nos as armas, a nós, soldados, tomá-las e pelejar; a ele, mestre, pertence sugerir-nos os meios, a nós outros aceitá-los submissos e usar deles com toda a energia».

E mais adiante, lê-se: «Unamo-nos, pois, unamo-nos todos. O Papa o quer. Unidos, disciplinados, organizados, nos sentiremos fortes, prontos a combater e a sacrificar-nos pela causa de Deus».¹⁸

Além de textos de caráter mais religioso e apologético, as *Leituras Católicas* apresentavam também opúsculos de cunho mais ameno, incluindo aventuras e peças teatrais.

O periódico *Santa Cruz* teve o primeiro número publicado em novembro de 1902, apresentando-se como uma revista mensal de «religião, letras, artes e

¹⁷ De Ségur, *A Igreja*, Niterói, 1907, pp. 62 - 65

¹⁸ *Unamo-nos*, Niterói, 1901, pp. 27. 36.

pedagogia». Os redatores pertenciam ao laicato paulista, destacando-se entre eles Basílio Machado e o conselheiro Duarte de Azevedo.

A revista *Mato Grosso*, editada pelos salesianos de Cuiabá, iniciou o primeiro número em janeiro de 1904. Além do aspecto religioso, a revista tinha um caráter científico, pois publicava, mensalmente, as observações feitas pelo Observatório Meteorológico Dom Bosco, um projeto idealizado por Dom Lasagna, aproveitando as experiências dos salesianos em outros países.

Em princípio, os salesianos se alinhavam ao lado do clero e do laicato católico na defesa do modelo eclesial tridentino, marcadamente hierárquico.

2. Os Salesianos e o Estado Brasileiro

Apesar de uma vinculação bastante expressiva com o projeto reformador do episcopado, os salesianos procuraram também, desde o início, uma aproximação com o poder público, seguindo, aliás, o exemplo e as recomendações do próprio Dom Bosco

Os religiosos se estabeleceram no país nos últimos anos do período imperial. D. Pedro II fazia fortes restrições às antigas ordens religiosas, dedicadas à vida contemplativa, considerando-as inúteis para o mundo moderno; simpatizava, entretanto, com os novos institutos que se entregavam à tarefa educativa, em vista do apreço que nutria pela cultura. Pode-se, portanto, dizer que a obra de Dom Bosco estabeleceu-se no Brasil com o *placet* de sua Majestade.¹⁹

É importante ter presente, a esse respeito, a linha de conduta adotada pelos salesianos com relação ao poder público. Pode ser sintetizada em quatro itens principais: evitar qualquer crítica com relação às orientações do governo; incentivar, nos alunos, o respeito para com as autoridades constituídas; convidar os dirigentes, situados nos diversos níveis do governo, a visitarem as obras salesianas, participando das solenidades mais importantes realizadas nos colégios; divulgar, através da opinião pública, as atividades sociais e educativas, afim de obter do Estado subvenções e auxílios para seu maior incremento e ampliação.

Após a fundação do colégio de Niterói, em 1883, os padres Lasagna e Borghino foram fazer uma visita ao presidente da província do Rio, Gavião Peixoto; este chegou a prometer um subsídio anual, o que só foi concretizado em 1886.

Em 1887, por ocasião de uma solenidade em honra do bispo diocesano, o presidente da província de São Paulo, Francisco de Paula Rodrigues Alves, visitou o Liceu Coração de Jesus.

Apesar das restrições do episcopado ao novo regime republicano, implantado no país a partir de 1889, os salesianos, desde o início, procuraram estabele-

¹⁹ Riolando AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982, vol. I, pp. 185 - 188.

cer relações amigáveis com o governo, obtendo, com isso, apoio expressivo para levar avante suas diversas iniciativas de caráter educacional e missionário.

Por ocasião da revolta da armada, em 1893, os religiosos de Niterói ofereceram o Colégio Santa Rosa para que fosse transformado em hospital militar, auxiliando a ação do governo na distribuição de víveres às famílias carentes em consequência do conflito bélico. A partir de então, os discípulos de Dom Bosco passaram a contar com o apoio explícito do poder constituído, o qual proclamava, oficialmente, os méritos desses religiosos italianos. De fato, a colaboração oferecida pelos salesianos podia até ser interpretada como um reconhecimento do novo regime.

A proclamação da laicidade do Estado, aliás, não impediu que o poder público continuasse a auxiliar generosamente os projetos dos discípulos de Dom Bosco.

Embora fosse vedado o auxílio às denominações religiosas, o governo procurava colocar em evidência que as subvenções eram destinadas, especificamente, a obras sociais, por abrigarem os estabelecimentos salesianos meninos pobres e abandonados.

Através de amigos que tinham influência política ou que ocupavam cargos no governo, desde a chegada ao Brasil, os salesianos conseguiram significativos favores e auxílios, tanto a nível municipal como estadual e federal. Essa colaboração governamental ocorria sob as mais diversas formas: isenção de impostos, doação de terrenos ou prédios, transporte gratuito de pessoas e cargas, subvenções e loterias em prol das obras salesianas.

Sem a pretensão de fazer um elenco exaustivo, apresento apenas alguns exemplos para melhor ilustrar essa posição privilegiada que os salesianos ocupavam junto ao poder público.

No relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, em data de 8 de agosto de 1885, após referir-se ao Colégio Santa Rosa, o presidente da província do Rio de Janeiro acrescentava: «no intuito de encorajar os fundadores de tal estabelecimento, visitei-o, mais de uma vez, auxiliando-o indiretamente e recomendei às diversas repartições públicas da província que, em igualdade de condições, o preferissem para quaisquer trabalhos de que carecessem e de que as suas oficinas pudessem encarregar-se. Tem-se feito isso, e com visível economia para os cofres públicos».²⁹

Nos anos de 1886, 88 e 89, foram realizadas loterias autorizadas pela Assembléia Legislativa de São Paulo em favor do Liceu Coração de Jesus.

Tendo os salesianos o projeto de fundar uma Escola Agrícola em Cachoeira do Campo, pelo decreto de 27 de maio de 1893, o governo do Estado de Minas fazia doação à congregação de Dom Bosco da antiga coudelaria real, afim de que essa propriedade pudesse ser utilizada para a finalidade proposta. Os religiosos receberam ainda sessenta contos para a reforma do prédio.

²⁹ *O Fluminense*, 10 de agosto de 1885.

Lasagna foi vítima de um desastre ferroviário quando ia realizar a inauguração da nova obra. Viajava com um grupo de salesianos em vagão especial, concessão feita pelo governo em vista da colaboração recebida na revolta da armada.

Também o presidente de Sergipe, Mons. Olímpio de Souza Campos, fez doação aos salesianos da propriedade estadual de Tebaida, uma gleba situada entre Aracaju e São Cristóvão, com casa semi - construída, amplo pomar e algumas rezes. A escola Agrícola São José foi inaugurada a 15 de março de 1902.

As verbas votadas em favor das obras salesianas são múltiplas.

No relatório já citado de 8 de agosto de 1885, o presidente Cesário de Miranda Alvim recomendava aos membros da Assembléia Provincial do Rio de Janeiro que aprovassem um auxílio para o Colégio Santa Rosa de Niterói: «chamo muito particularmente a vossa atenção para esse estabelecimento que deveis ajudar, destinando-lhe uma subvenção, na medida de vossas forças econômicas, ficando ao governo, em troca, a faculdade de fazer admitir um certo número de meninos que serão, de futuro, colaboradores proveitosos do desenvolvimento e prosperidade da província». A 27 de novembro do ano seguinte foi assinado o decreto mediante o qual o governo se comprometia a dar ao Colégio Santa Rosa uma subvenção anual de seis contos de réis, obrigando-se os padres a receber vinte alunos pobres.²¹

Em 1894, foi votada uma lei elevando essa subvenção a vinte contos de réis, comprometendo-se o estabelecimento na educação de quarenta meninos pobres. Foi também doado um auxílio de cinquenta contos para o Colégio Santa Rosa, para reparar os danos sofridos durante a revolta da armada.

Também o Liceu Coração de Jesus de São Paulo passou a receber a subvenção de quatro contos de réis, votada pela Câmara Municipal, em 1886.

O governo da província, por sua vez, concedeu ao colégio vinte e quatro contos de réis de subvenção anual. A partir de 1898, a Assembléia paulista passou a destinar a verba de trinta e seis contos para o Liceu Coração de Jesus.²²

Em artigo sobre o Liceu Coração de Jesus, publicado em 1903, o cônego Erequias Galvão da Fontoura declarava: «o número de alunos foi sempre aumentando de conformidade com os recursos fornecidos pelas almas benfazejas e pelo governo estadual que tem, munificentemente, coadjuvado a pobre classe operária, dando, em seu orçamento, uma verba especial para sustentação de alunos pobres desse Liceu».²³

Em 1902, a Câmara Municipal de Lorena enviou uma representação ao Congresso do Estado de São Paulo solicitando um auxílio para a Escola Agrícola Coronel José Vicente, a ser iniciada pelos salesianos. A Assembléia estadual incluiu no orçamento uma verba de quinze contos de réis para a nova obra.²⁴

²¹ *O Fluminense*, 1 de dezembro de 1886.

²² *O Estado de São Paulo*, 6 de agosto de 1898.

²³ *Revista Santa Cruz*, agosto de 1903, p. 416.

²⁴ *Revista Santa Cruz*, fevereiro de 1903, p. 189.

A principal razão para a facilidade com que os salesianos obtinham do poder público era o caráter marcadamente social das primeiras fundações, destinadas ao ensino profissional e agrícola. Nesse caso, o governo oferecia subvenções para que os discípulos de Dom Bosco abrigassem um número estipulado de meninos pobres em seus estabelecimentos.

Além das obras efetivamente iniciadas pelos salesianos, houve também outras ofertas do governo que, por razões diversas, não puderam ser aceitas.

Segundo informações de Peretto a Cagliari, em carta de outubro de 1899, quando era ministro, Cesário Alvim havia oferecido a Dom Lasagna uma casa com terreno grande em São Geraldo, cidade próxima de Ponte Nova, em Minas Gerais, além de um auxílio de sessenta contos para o incremento do projeto.

Sendo então prefeito da capital federal, o mesmo Cesário Alvim estava propondo que os salesianos se encarregassem da direção do Colégio de Artes e Ofícios da Câmara Municipal do Rio, prometendo uma pensão de quatrocentos réis anuais por menino. Insistia também para que os religiosos de Dom Bosco assumissem a direção do Asilo São José.

Mas a proposta mais expressiva veio do chefe da polícia federal do Distrito Federal, José Brasil Silvado, o qual desejava fundar uma escola correcional para menores infratores a ser confiada à direção dos salesianos, mediante auxílio do governo. Apesar do interesse de Peretto pela aceitação da obra, os superiores da congregação não se mostraram favoráveis a essa iniciativa, por fugir dos padrões comuns dos estabelecimentos salesianos.²⁷

Não deixa de ser um fato significativo a ampla aceitação que os discípulos de Dom Bosco encontraram na nova República brasileira. Não obstante a separação entre Igreja e Estado ter gerado algumas áreas de atrito, esses religiosos continuavam a gozar da plena confiança por parte do governo. Os líderes do novo regime começavam a perceber, claramente, a importância do elemento religioso para a manutenção da ordem social. «Estão se convencendo de que sem religião e sem Deus as coisas não vão bem», era a afirmação de Peretto ao bispo Cagliari. Mas o maior peso para a aceitação dos salesianos originava-se do cunho de benemerência social, típico de suas obras.

Ao analisar os primórdios da obra de Dom Bosco na América Latina, Morand Wirt acena aos vínculos das instituições salesianas com as classes dominantes e as consequências dessa dependência afirmando: «para facilitar seu estabelecimento, procuraram apoio das autoridades religiosas, mas também dos governantes e da classe dirigente, o que não estava isento de perigos».²⁸

De fato, ao apoiar-se nos recursos do Estado para levar avante seus projetos educacionais, os salesianos renunciavam a assumir uma postura mais crítica nas questões de natureza política e social.

²⁷ Rioldo AZZI, *Os salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1983, vol. III, pp. 198 - 218.

²⁸ Morand WIRT, *Dom Bosco e os salesianos*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1971, p. 225.

Mas não se deve esquecer que o apoio recebido pelos salesianos por parte do poder político proveio também do caráter mais aberto apresentado pela instituição de Dom Bosco.

3. Os Salesianos e a Sociedade Brasileira

A partir de 1870, cresceu, no Brasil, a força da ideologia republicana e liberal, tendo como um dos alvos principais de suas críticas a união da instituição eclesiástica com o regime monárquico. Através da imprensa, diversos intelectuais apregoavam a necessidade de separar o Estado da Igreja, bem como de introduzir o ensino leigo nas escolas. Adeptos da liberdade e do progresso consideravam a organização católica como uma força conservadora e até mesmo reacionária. Assim sendo, não viam com bons olhos, o ingresso de novos institutos religiosos no país, segundo eles, destinados a reforçar o clericalismo e o ultramontanismo. Isso explica a campanha publicitária contra a implantação da obra salesiana em Niterói²⁷ e em São Paulo.²⁸

Não obstante, desde o início, os salesianos se apresentavam como religiosos marcados por um halo de modernidade, o que facilitou sua progressiva aceitação.

Além disso, eram mais tolerantes com relação aos maçons e liberais, evitando áreas de atrito com a comunidade local. A referida celebração da festa do Divino, em Cuiabá, promovida por um maçom, é bem típica a este respeito. Em suas memórias inéditas, o P. André Dell'Oca assinala a boa convivência entre os salesianos e os liberais maçons na fundação da obra salesiana no Rio Grande do Sul.²⁹

Além do apoio eclesiástico e das subvenções do Estado, os discípulos de Dom Bosco se afirmaram rapidamente no Brasil graças à ajuda expressiva da burguesia agrária, mantendo-se o modelo econômico agro - exportador. Havia, porém, grande lacuna no atendimento das necessidades sociais da população.

Os salesianos se dispunham a oferecer sua capacidade educativa para atuar junto à juventude pobre, no intuito de prepará-la para exercer uma atividade profissional ou agrícola na sociedade brasileira que se organizava, com o fim do regime escravocrata. Solicitavam, porém, das classes dominantes, os recursos materiais necessários para a efetivação deste projeto.

Nos primeiros anos de vida do Colégio Santa Rosa, o padre Carlos Peretto realizou uma série de excursões pelas fazendas da baixada fluminense afim de recolher esmolas entre os grandes proprietários da região.

As primeiras obras, em São Paulo, contaram com o auxílio da antiga aristocracia rural. A fundação do Colégio São Joaquim de Lorena deveu-se, em gran-

²⁷ Ricardo Azzu, *Os salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982, pp. 289 - 327.

²⁸ Manoel Estil, *Licença Coração de Jesus*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1985, pp. 95 - 120.

²⁹ Arquivo da Inspeção Nossa Senhora Auxiliadora, São Paulo.

de parte, às generosas doações do conde Moreira Lima, um dos principais fazendeiros do vale do Paraíba. Segundo Marcigaglia, ele é «o grande vulto de Lorena e também o grande benfeitor dos salesianos».²⁰ Na biografia do conde, Gama Rodrigues, por sua vez, assim refere-se à fundação do Colégio São Joaquim, em 1890: «foi ele quem, numa prespicaz visão de futuro, chamou a Lorena os rev.mos padres salesianos; em Lorena os fixou e em Lorena os proveu dos necessários elementos para o início e crescimento deste ginásio que deveria ser, e é, a fonte luminosa de instrução, o caudal perene do ensino para todos os filhos de sua muito estremecida terra natal».²¹

Também o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas, inaugurado em 1897, foi construído em terreno doado pelo barão Geraldo de Rezende, importante benfeitor dos primórdios da obra. Em carta de 4 de agosto de 1937, endereçada a dona Amélia de Rezende Martins, o padre Emílio Miotti afirmava: «escrevo de Campinas e do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, onde as benemerências do Exmo. Sr. Barão, seu pai, vivem em toda a parte, e não se podem esquecer. Este ano, estas benemerências, juntamente com as de Dom Nery, estão mais do que nunca vibrantes, pois vão completar-se quarenta anos da fundação do Liceu».²²

Além do Colégio São Joaquim, em 1902, foi iniciada, em Lorena, uma escola agrícola, graças à cooperação do conde José Vicente, outro importante amigo dos salesianos.

A Escola Agrícola São José, de Batatais, fundada em 1904, foi, por sua vez, o fruto da generosidade do capitão Manuel de Paiva Leite. Ele tinha oferecido aos salesianos uma boa casa, situada em vasta chácara nos arredores da cidade, dos lados da estação. A obra, porém, não teve o desenvolvimento esperado, sendo, em 1910, transferida para a administração da diocese de Ribeirão Preto.

A implantação da obra salesiana em Cuiabá, em 1894, contou com o apoio expressivo da família Murtinho, cujos membros atuavam em importantes postos do governo. Lasagna redigiu também uma carta circular, publicada a 1 de janeiro de 1895, solicitando o auxílio e a colaboração da sociedade e, especificamente, de «fabricantes de tecidos, ricos negociantes e opulentos fazendeiros».²³

Das dezesseis principais fundações salesianas, entre 1883 e 1908, nove tinham, entre suas finalidades, as escolas profissionais e seis eram escolas agrícolas. Apenas o Colégio Santa Teresa de Corumbá foi iniciado como um externato.

Em termos quantitativos, portanto, é evidente que, nos primórdios, a atuação salesiana era marcadamente orientada para as classes populares, visando sua formação profissional e agrícola.

Para tal fato, muito concorreu a orientação do padre Carlos Peretto à frente da inspetoria salesiana brasileira, a partir de 1896, após o desastre que viti-

²⁰ Luís MARCIGAGLIA, *Os salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, vol. I p. 46.

²¹ Gama RODRIGUES, *O Conde de Moreira Lima*, São Paulo, 1942, p. 88.

²² Amélia de Rezende MARTINS, *Um idealista realizador: barão Geraldo de Rezende*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Almanak Laemmert, 1939, p. 406.

²³ *O Apóstolo*, 9 de janeiro de 1895, p. 2.

mou o inspetor - bispo Lasanga, em Juiz de Fora, em novembro do ano anterior. Peretto fora um dos fundadores do Colégio Santa Rosa e, a partir de 1890, fora nomeado primeiro diretor do Colégio São Joaquim de Lorena. Marcigaglia ressalta o período de governo inspetorial deste sacerdote com estas palavras: «dedicou especial carinho ao ensino profissional e agrícola, convencido de que este é o campo mais próprio da congregação salesiana. Quase todas as casas fundadas por ele abrangiam também os cursos profissionais ou o ensino agrícola: o Colégio São Joaquim, as Escolas Dom Bosco, a Escola Agrícola Cel. José Vicente, o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, a Escola Agrícola São José de Batatais».

Em seguida acrescenta: «é verdade que, nalguns destes colégios, estes ramos de ensino se enfraqueceram e até desapareceram. Ele, porém, foi sempre um extremo defensor e incentivador do ensino profissional. Haja vista como fez florescer o ensino agrícola nas Escolas Dom Bosco durante o seu directorado. Haja vista ainda o grau de perfeição que atingiu o ensino de artes e ofícios no Colégio Santa Rosa e no Liceu de São Paulo, ao tempo de seu inspetorado».³⁴

De fato, as escolas profissionais de São Paulo e Niterói tiveram uma fase áurea nas primeiras décadas, chegando mesmo a receber prêmios em exposições nacionais e internacionais.

Também o número de alunos aprendizes foi bastante significativo, nos primeiros anos, o que exigiu um rápido desenvolvimento das oficinas nestes estabelecimentos, com variedade de ofícios. Em São Paulo e Niterói, houve grande expansão do sector gráfico, com fundição de tipos e clichéria. Em São Paulo foram até iniciadas oficinas de marmoraria e escultura.

As escolas profissionais representaram, neste período, uma contribuição importante dos salesianos para a sociedade brasileira, assim ressaltada por Gilberto Freyre: «Em nenhum dos colégios da época se iniciavam os meninos em qualquer arte ou ofício, deixando-se este ensino exclusivamente para os liceus de artes e ofícios, para os patronatos, para os aprendizes de artífices. Aqui se deve destacar a notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: a representada pelos colégios salesianos que foram estabelecidos no país nos fins do século XIX. Colégios do tipo do Santa Rosa, de Niterói, e onde, aos estudos secundários, se acrescentavam os de artes e ofícios, segundo as mais modernas técnicas em vigor nestas artes e nestes ofícios».

Conclui ainda o mesmo autor: «Antecipando-se este progresso católico - o do ensino técnico, o das artes e ofícios, o do aprendizado mecânico - ao progresso intelectual que se vinha esboçando em sub - áreas brasileiras, como a paulista, nesta antecipação, a Igreja revelou-se atenta aos novos rumos e tendências do desenvolvimento brasileiro».³⁵

³⁴ Luís MARCIGAGLIA, *Os salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, vol. I, p. 81.

³⁵ Gilberto FREYRE, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1974, 3.ª ed., vol. II, pp. 581 -

Merece também menção especial a atividade agrícola em Cachoeira do Campo, com aplauso das autoridades públicas e prêmios em exposições diversas.

Paralelamente ao ensino profissional e agrícola, os salesianos começaram, desde logo, a ministrar aulas de curso primário e secundário para alunos das classes médias, destinados a profissões liberais.

As reformas de ensino, feitas pelo governo Campos Sales, em 1901, ofereciam aos colégios particulares a possibilidade de equiparação ao ensino oficial.

Esta medida governamental estimulou os salesianos a incrementarem os estudos acadêmicos em seus estabelecimentos. Durante a primeira década do século XX, os principais educandários, dirigidos pelos discípulos de Dom Bosco, procuraram apresentar os requisitos para serem equiparados ao ensino estatal.

A nova orientação era também fruto da pressão dos próprios amigos e benfeitores da obra salesiana, desejosos de que seus filhos fizessem seus estudos sob a orientação destes educadores que eles tanto admiravam.

Assim sendo, as metas educativas salesianas voltam-se, progressivamente, para as classes médias urbanas, passando a educação das classes populares a constituir um interesse secundário.

4. Conclusão

Na elaboração deste estudo sobre a implantação e o desenvolvimento inicial da obra salesiana nos primeiros vinte e cinco anos de presença no Brasil, foram privilegiados três óticas específicas: em primeiro lugar, a participação da congregação salesiana na vida da Igreja, neste período em que se afirmava, no país, o modelo eclesial hierárquico, dentro dos moldes tridentinos; em segundo lugar, a relação dos salesianos com o Estado brasileiro, quando se estabeleceu no país o regime republicano de caráter leigo; por último, a inserção dos salesianos na sociedade brasileira, neste período em que a burguesia emergente, após a abolição da escravatura, procurava implantar no país o sistema capitalista.

De modo geral, pode-se afirmar que o trabalho salesiano se orientava na perspectiva global da reforma católica. Esta preocupação da Igreja aparece bem nítida com Lasagna, mas se enfraquece em períodos posteriores.

Existe, sem dúvida, uma afinidade entre os salesianos e o episcopado na defesa de uma ordem social conservadora. Mas os salesianos atuam, na prática, de forma mais cordata com representantes de outras correntes de pensamento, amoldando-se assim, com mais facilidade, às características da sociedade brasileira.

Como consequência, os salesianos não formaram, como os jesuítas e os maristas, uma juventude militante nos moldes do ultramontanismo intransigente.

Esta atitude menos rígida permitiu que os salesianos pudessem manter uma maior articulação com o Estado.

Os discípulos de Dom Bosco, embora fiéis à doutrina anti-liberal da Igreja, na atuação efetiva, sabiam adaptar-se às diversas orientações do governo, desde

que as autoridades facilitassem, ou pelo menos, não entrassem no ritmo de progresso da obra salesiana. A mesma atitude mantinham com relação aos benfeitores e amigos, nunca exigindo deles um atestado ideológico para colaborar com sua atividade educacional. Daí resultava a simpatia com que estes religiosos eram recebidos pelas autoridades civis e militares, bem como do auxílio efetivo que recebiam dos poderes públicos para levar avante seus projetos e iniciativas.

Desta forma, mantendo-se, teoricamente conservadores, os salesianos atuavam, na prática, com certa postura liberal. Se com isto grangearam a amizade e o apoio do governo, por vezes, encontraram restrições por parte de membros da hierarquia eclesiástica.

O caráter social da obra salesiana foi o aspecto que mais chamou a atenção do poder público, despertando o interesse por ela, tanto em fins do império como nos primórdios da república. Para os representantes do governo, a atividade salesiana representava uma importante colaboração para a solução do problema social que começava a assumir proporções preocupantes.

A colaboração oferecida pelo Estado aos salesianos tinha também um aspecto político, pois, desta forma, o governo desmentia, com sua atuação prática, as acusações do episcopado atribuindo-lhe uma orientação ateísta.

Para receber as subvenções públicas, os colégios salesianos se adaptaram progressivamente, às características do país, perdendo, com mais rapidez, as marcas da italianidade, típicas da fundação.

O apoio recebido da antiga aristocracia rural e da burguesia agrária, em ascensão, foi também significativo para o incremento da ação educativa dos discípulos de Dom Bosco. Em diversas localidades, os salesianos receberam doação de terrenos e material de construção, sítios e casas, bem como recursos materiais de diversos tipos para a implantação do seu projeto social. Mais do que um trabalho simplesmente assistencial, os salesianos desejavam a promoção dos meninos pobres, mediante a aprendizagem de um ofício, afim de integrá-los na sociedade capitalista.

Vinculados aos favores da classe dominante, os religiosos contribuíram para que se realizasse, no país, uma modernização conservadora, bem dentro do ideal positivista de ordem e progresso.

A bandeira da conscientização da classe operária para a reivindicação de seus direitos ficou reservada, neste período, aos anarco-sindicalistas, dentre os quais se destacavam as lideranças de imigrantes italianos e espanhóis.

Como retribuição pelos benefícios recebidos, os salesianos foram estimulados pela burguesia a ampliar o espaço para estudos acadêmicos em seus estabelecimentos de ensino. As possibilidades de reconhecimento do curso secundário ou ginasial pelo governo, constituíram também um estímulo importante nesta direção.

Com a oficialização do ensino, o eixo da ação educativa salesiana passou, gradativamente, das escolas profissionais e agrícolas para os cursos primários e secundários, ministrados em internatos e externatos. Com isto, evidentemente, diminuía o empenho por aquela que era considerada sua característica princi-

pal: a educação da juventude pobre e abandonada. Sob este aspecto, a data de 1908 pode ser considerada como um marco divisório entre a primitiva etapa, marcada pela educação profissional e agrícola, e a nova orientação acadêmica, dominante, a partir de então, nos colégios salesianos.

* * *

Fundações Salesianas (1883 - 1908)

1. *Colégios com projeto de artes e ofícios*

- 1883 - Colégio Santa Rosa - Niterói - RJ.
- 1885 - Liceu Coração de Jesus - São Paulo - SP.
- 1890 - Colégio São Joaquim - Lorena - SP.
- 1894 - Liceu São Gonçalo - Cuiabá - MT.
- 1895 - Colégio Sagrado Coração de Jesus - Recife - PE.
- 1897 - Liceu Nossa Senhora Auxiliadora - Campinas - SP.
- 1900 - Liceu Salesiano - Salvador - BA.
- 1901 - Liceu Leão XIII - Rio Grande - RS.
- 1902 - Colégio Orfanológico São Joaquim - Recife - PE.

2. *Escolas agrícolas*

- 1896 - Escolas Dom Bosco - Cachoeira do Campo - MG.
- 1897 - Escola Agrícola Santo Antônio - Coxipó da Ponte - MT.
- 1900 - Escola Agrícola São Sebastião - Recife - PE.
- 1902 - Escola Agrícola Coronel José Vicente - Lorena - SP.
- 1902 - Escola Agrícola São José - Aracajú - SE.
- 1904 - Escola Agrícola São José - Batatais - SP.

3. *Colônias indígenas*

- 1901 - Colônia do Sagrado Coração de Jesus, - Meruri - MT.
- 1901 - Colônia Imaculada Conceição - Rio das Garças - MT.
- 1906 - Colônia São José - Sangradouro - MT.
- 1907 - Colônia Agrícola - Palmeira - MT.

4. *Capelanias das filhas de Maria Auxiliadora*

- 1895 - Capelania do Colégio N. S. Auxiliadora - Araras - SP.
- 1896 - Capelania do Colégio N. S. Auxiliadora - Ipiranga - SP.

- 1896 - Capelania do Hospital Santana - Ouro Preto - MG.
- 1896 - Capelania da Escola Normal - Ponte Nova - MG.
- 1902 - Capelania do Ladário - MT.
- 1904 - Capelania da Santa Casa - Ponte Nova - MG.

5. Outras obras

- 1899 - Colégio Santa Teresa - Corumbá - MT.
- 1899 - Colégio São José - Guaratinguetá - SP. (fechado em 1909)
- 1904 - Ginásio N. S. Auxiliadora - Bagé - RS. (fundado pela Inspetoria do Uruguai).